



Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de Filosofia

Maria Laudeci de Souza Paulino

**MITO E FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DO MITO
GREGO PARA A FILOSOFIA**

Campina Grande - PB

2014



Universidade Estadual da Paraíba

Maria Laudeci de Souza Paulino

MITO E FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DO MITO GREGO PARA A FILOSOFIA

Artigo apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia sob orientação do Professor Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira.

Campina Grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P328m Paulino, Maria Laudeci de Souza
Mito e filosofia [manuscrito] : a importância da compreensão do mito grego para a filosofia / Maria Laudeci de Souza Paulino. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Francisco Diniz de Andrade Meira, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Mito 3. Grécia Antiga I. Título.

21. ed. CDD 100

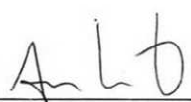
MARIA LAUDECI DE SOUZA PAULINO

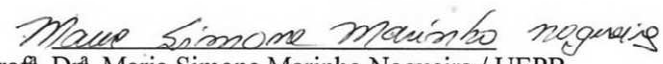
**Mito e filosofia: a importância da compreensão do mito grego
para a filosofia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 10/12/2014.


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof.ª. Dr.ª. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora

Resumo

Os mitos fazem parte da vida do homem desde o início dos tempos, dando resposta aos fenômenos e apresentando-se em vários aspectos. O artigo em questão irá tratar das relações entre mito e filosofia, realizando uma análise de forma discursiva e refletindo sobre a compreensão de conceitos importantes, como surgiu o mito, a origem do mundo e a existência dos homens, determinando o mito como uma forma de acomodar, tranquilizar e modelar a sociedade. Na tradição grega, sua influência era constante, colaborando direta e indiretamente na sociedade grega. Na religião, por exemplo, os gregos prestavam cultos aos deuses demonstrando sua fidelidade com eles. Por muito tempo o homem ficou preso ao pensamento mítico, entretanto, sendo a inquietude uma característica inerente ao homem, ao longo do tempo, esta fez com que o homem mergulhasse em seus conflitos, originando então o pensamento filosófico, conseqüentemente o surgimento da filosofia, um conjunto sistemático racional de conhecimento referente ao mundo e a tudo existente nele. A maneira de pensar e exprimir o pensamento são funções da filosofia, caracterizando a transição do mito para a filosofia como um processo de evolução do pensamento. A filosofia teve muita influência do mito e a importância da compreensão do mito grego para a filosofia está diretamente ligada ao surgimento da Polis, uma nova forma de organização social, e à resolução dos problemas da cidade. Observa-se ainda que o mito esteve presente na sociedade grega em vários momentos onde os próprios filósofos deram respostas incorporadas pela compreensão mítica, na qual fez-se perceber o mito como alicerce do pensamento ocidental e o mesmo compreendido como a chave para o entendimento do mundo.

Palavras chaves: Mito, Sociedade Grega, Filosofia.

Abstract

The myths are part of human life since the beginning of time, responding to the phenomena and introducing in various aspects. The article in question will treat of the relationship between myth and philosophy, performing an analysis of discursive form and reflecting on the understanding of important concepts, how did the myth, the origin of the world and the existence of men, determining the myth as a way to accommodate, reassure and shape society. In Greek tradition, your influence was constant, working directly and indirectly in Greek society. In religion, for example, the Greeks were providing services to the gods demonstrating their loyalty with them. For a long time the man got arrested to the mythical thought, however, the disquietude being a characteristic of the man, over time, this has made the man plunged in their conflicts, then giving philosophical thought, consequently emerged from philosophy, rational systematic body of knowledge regarding the world and everything in it existing. The way to think and express the thought are functions of philosophy, featuring the transition from myth to philosophy as a process of evolution of thought. The philosophy was influential myth, and the importance of understanding the Greek myth to philosophy is directly linked to the rise of Polis, a new form of social organization and the resolution of the city's problems, and it can be seen even if the myth was present in Greek society at various times where the philosophers gave answers merged into the mythical understanding, which was made to realize the myth as the foundation of Western thought and the same understood as the key to understanding the world.

Keywords: Myth, Greek Society, Philosophy.

Introdução

É bastante comum ouvir falar em mito e mitologia em diversas ocasiões do nosso cotidiano e em determinado costume que se segue fundado em histórias do passado. Para que se possa explicar o mito a partir de uma compreensão racional é necessário que percorramos o caminho desde os antigos filósofos gregos quando eles trataram de explicar a origem do mundo e de todas as coisas existentes dentro de uma realidade mítica que foi mantida por muito tempo, utilizando-se de algumas formas e conteúdos que determinaram a vida social dos povos antigos.

Com essa realidade, o mito apresenta-se como uma narrativa que possibilita explicações, fazer interpretações e responder às realidades dos acontecimentos como uma história considerada única e verdadeira. Assim, foi tratada a interpretação da origem do mundo e os fenômenos nos mais variados aspectos. Desde o início dos tempos, os mitos fazem parte da vida dos homens com o intuito de acomodar e confortar seus medos, seus anseios, tudo isso dentro do seu imaginário.

Muitas pessoas desconhecem de fato como o mito se apresentava direta ou indiretamente na vida dos indivíduos na sociedade grega. Era comum a presença de figuras mitológicas dentro desta sociedade, onde se podia perceber as relações íntimas entre deuses e humanos.

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância da compreensão dos mitos gregos para a filosofia através da apresentação dos conceitos de mito, como ele se originou e sua função, baseados em definições do mundo grego ligados ao surgimento da filosofia. Irá tratar também da transição do mito para a filosofia reunindo os pré-requisitos necessários para um novo tipo de pensamento fundamentado na observação e no raciocínio.

O que é mito?

Há diversas tentativas de definição para o mito, entretanto, realizando uma análise mais abrangente, todas estas definições convergem para um único conceito. Marilena Chauí (2003), cita que:

A palavra mito vem do grego Mythos, e deriva de dois verbos: do verbo Mytheio (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo Mytheo (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). (CHAUÍ, 2003, p. 23).

Desse modo, se podia, por exemplo, dar explicações sobre a existência do mundo em forma narrativa, “contando” a criação em que antes nada existia e passou a existir. De acordo com a definição de Chauí, o mito pode ser compreendido como uma narrativa ou discurso de modo confiável e verdadeiro que se ocupa em apresentar dentro de uma realidade vivida, a resposta para quem vive e convive com o mito, uma verdade profunda, encarregando-se de dar uma explicação sobre a existência do mundo e os fenômenos da natureza na tentativa de encontrar verdades, o mito trata de acomodar o homem ao mundo afirmando desde a sua origem até como o universo se apresenta e também como ele é estruturado diante de tal consciência.

O homem antigo encontrou no mito o meio de afugentar seus medos e a sua insegurança, adquirindo fundamentos significativos para se resguardar naquela realidade produzida pelos mitos, pois o mito relata uma história que para alguns momentos na antiguidade servia de adaptação a um determinado comportamento dentro da cultura dos povos antigos, configurando-se em modelo e paradigmas que só o mito foi capaz de explicar no que se refere à existência do mundo, bem como tudo que está presente na natureza constituída dos fenômenos naturais, e tudo que existe no mundo, como podemos citar os exemplos: Pedra, ilhas, espécies de animais, chuva, seca, mar, fogo, água, terra, ar, quente, úmido, bem, mal, saúde, doença e tudo que se mostra como vivo ou não vivo, algo que poderia se perceber numa relação de causa e efeito diante de uma total veracidade, constituem-se em condições que se apresentam como favoráveis ou desfavoráveis formando alianças entre as forças divinas, de modo que o mito poderia se encontrar em duas versões:

1. O conhecimento que se formou perante uma confiança que era atribuída onde não caberia encontrar razões para sua procedência, pois a narração partia daquele que possuía autoridade para transmitir aos ouvintes;
2. A narração por meio da oralidade, onde aqueles narradores eram vistos como alguém de muita confiança, pois se tratava de um escolhido pelos deuses.

Chauí (2003) afirma que :

O mito é uma palavra sagrada, porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável. (CHAUÍ, 2003, p. 23).

Desta forma, os povos antigos verificavam os fenômenos que aconteciam por si e aproveitavam para apropriar-se daquele conhecimento, e isto por si só já se bastava, sem que preciso fosse usar da razão e refletir sobre tais acontecimentos. Em concordância com Chauí, SELEPRIN (2012) compartilha da mesma opinião, onde o mesmo afirma sobre o mito e suas funções citando que:

A função do mito não é de explicar, mas de acomodar e tranquilizar o homem diante de um mundo que para eles parecia tudo sobrenatural e muito assustador. (SELEPRIN, 2012, p. 3).

O mito para SELEPRIN (2012), possui vida própria e é neste sentido que se percebe as várias formas míticas de se dar a explicação do mundo dentro de uma relação entre o mito, o homem e a natureza. O mito desempenha uma função social em uma determinada sociedade, pois ele tem a capacidade de modelar a sociedade fixando assim seus ritos e as atividades humanas procurando sugestões para se adequarem ao paradigma de uma sociedade.

Fazendo uma comparação entre os dois filósofos citados anteriormente, VERNANT (2008) em sua obra “O universo, os deuses, os homens”, afirma que “O mito é sim uma narrativa que passa de geração para geração, contando suas histórias pela oralidade“, ainda de acordo com Vernant (2008), “[...] Platão propôs a chamada fábula”, e foi desta forma que Platão a nomeou.

O mito por muito tempo pode ser mantido de forma viva na tradição, mas levando esta questão para outros historiadores, a exemplo de Lévi-strauss e outros, estes fizeram muito estudos mitológicos. Vernant junto a eles começou a explicar todas as lendas conhecidas na Grécia no intuito de obter respostas às suas indagações, em sua linha de investigações, estes historiadores foram obtendo

progresso, ao mesmo tempo em que aumentam as problemáticas no campo das investigações como pensamento entre as interrogações sobre as problemáticas.

Como o mito surgiu?

Podemos de certa forma constatar em certa expressão que o mito apresenta-se em relatos e que a partir de então, restava à Vernant analisar o modo de como eram transmitidos estes relatos e de como o mito se constituía, promovendo a conservação dele até os escritos, assim para que pudesse ser melhor entendido houve a necessidade de se perguntar: O que é mito? Ou mais precisamente, se perguntar: O que é o mito grego?

Já que estes pesquisadores estavam fazendo suas investigações sobre o mundo grego, então para se abordar este estudo, é inevitável traçar o caminho através da tragédia das Epopeias e da poesia, da história grega e de filosofia, e bem mais tarde é que pode ser apresentados em forma de clássicos, agregados à Ilíada e Odisseia, bem como a Teogonia Hesíodo, quando os eruditos resolveram reunir-se tratando de apresentar e trazer para nós os grandes clássicos, chamados de Mitologia Grega.

Mitologia são relatos que trazem a história e são ligados à civilização grega, pois tanto o mito quanto a mitologia só podem existir dentro de uma constituição ligada ao sentimento grego e que fora desta civilização estas duas palavras não tem a mesma compreensão a que lhe é contida no mundo grego. Em quanto que, Vernant(2008) usa definição de Strauss, para afirma que:

[...] como que constando o óbvio, que um mito, de onde quer que venha, é reconhecido de imediato pelo que ele é, sem que corra o risco de confundi-lo com outras formas de relato. (VERNANT, 2008, p.11).

Ele é caracterizado tradicionalmente por lendas, o modo de contar fatos históricos de caráter maravilhoso e que mesmo passado de forma deturpada pelo imaginário do povo, onde ao permanecer dentro do pensamento e dos costumes de cada grupo, não altera. O mito mesmo que esteja modificado pelas circunstâncias a que deve ser relatado, mesmo assim, é levado em consideração, pois o que deve ser observado na questão é o elemento lendário, este sim é o viés da questão.

Assim, para a sobrevivência de um mito é indispensável três fatores citados por VERNANT (2008):

Memória, oralidade e tradição: São estas as condições de existência e sobrevivência do mito. Elas lhe impõe certos traços característicos, que aparecem mais claramente se prossegue a comparação entre atividade poética e atividade mítica. (VERNANT, 2008, p. 12).

Cotidianamente estas foram as condições necessárias para compor as atividades míticas e ainda aplicadas a diversas mitologias onde VERNANT(2008), cita Jacques Roubaud (1998), expõe que em suas observações o mesmo trata os poemas homéricos referindo-se aos elementos lendários, de modo que estes não são simplesmente o que pode ser chamado apenas de relato, mas sim, um tesouro.

Ainda para VERNANT (2008), o mito simplesmente emergiu vindo dos fins dos tempos, sem que houvesse a necessidade de algum contador iniciar sua narrativa, pois ele já existia, dando a entender que o relato mítico não vem de uma invenção da mente fantasiosa e criadora de algum indivíduo e sim da transmissão e da memória.

Mito na tradição grega

Durante muito tempo, o mito esteve presente na sociedade e povos gregos, se utiliza de mitos para preservação da memória perante seu povo, no mito o homem encontra explicação para a realidade que estava imerso a partir do seu imaginário, criaram histórias transmitidas de forma oral, principalmente os gregos, davam conceitos, dos quais o mito numa forma de instituição, era compreendido por uma realidade fundamentada na afetividade e na emoção coletiva, para os gregos, era comum eles seguirem os conselhos que eram dados quando iam consultar o oráculo e as advertências eram sempre seguidas quando queriam saber sobre os acontecimentos próximos a eles como também sobre o futuro, pois são estas as ocasiões em que o mito surge, nas situações limites para o homem em sua imaginação fértil, criavam personagens e figuras mitológicas, pois a força imaginária é a principal forma que o coletivo precisa onde a força da palavra dá impulso para conseguir os objetivos.

O mito colabora com esta expressão tão desejada daqueles acontecimentos que ocorrem no espaço e no tempo da história, a qual buscava significado para os

fatos sociais, políticos e econômicos, onde não só explica mais compreende e tranquiliza, percebem-se também a religiosidade dos gregos, onde bem se notam os vínculos muito forte entre os deuses e os gregos, eles prestavam culto à uma série de deuses, relatavam suas vidas aos deuses e aos heróis, nesta visão, pode-se perceber o quanto os deuses influenciavam em tudo que se referia à sociedade grega, e diante de tanta autoridade que os deuses possuíam sobre eles, os gregos procuravam manter um comportamento rígido e obediente para demonstrar o quanto eles tinham respeito pelos deuses num ato de fidelidade profunda para com eles. Sabia-se que os deuses encontravam-se no Olímpio, pois era lá sua morada, mas a relação entre os humanos era muito frequente e que poderiam aparecer a um homem na terra quando bem quisesse, o que fez com que naquela sociedade tudo parecesse ser tão sagrado, aponto dos gregos temerem muitos castigos, tanto naquilo que poderia atingir a si próprio como também a todo povo.

Dentro daquela civilização, os deuses comandavam a vida das pessoas, onde ali existiam deuses para tudo que se possa imaginar, a começar pela deusa do amor até o deus do submundo, mostrando assim o quanto o mito exerce grande influencia intervindo de forma concreta na vida humana daquele povo, assim os gregos procuravam agradar as divindades e isso para eles se fazia necessário tanto que para provar o quanto eram agradecidos à eles pelas ajudas que lhes davam, os gregos construíam os templos grandiosos e exuberantes com imagens e símbolos que pudessem reverenciar os deuses à qual eram expressados seus valores divinos, conforme trata ALAMILLO(2002), sobre o Santuário de Delfos:

Apolo, apolíneo. – Nome do deus Apolo, irmão de Artemisa – Ambos são filhos de Zeus e Leto. É o deus que representa a luz, a beleza. Preside o coro das musas e, portanto, todas as disciplinas que elas representam: fundamentalmente, a poesia e música. É também deus da adivinhação, exercendo essa atividade em seu mais conhecido centro: O Santuário de Delfos. (ALAMILLO, 2002, p.104).

Desta forma, os gregos podiam exprimir o sentimento de orgulho para com sua cidade Atenas e com sigo mesmo, tornando clara a importância do mito na Grécia. Algo que pode ser observado também, é que não se tem registro de outra sociedade antiga com este grau de influencia que o mito inspirou a poesia, comédia, tragédia. Podemos ainda analisar a forma imprescindível e significativa do mito que sempre esteve presente no cotidiano grego, onde eles se utilizavam do mito para dar

explicação e direcionamento de suas vidas bem como a manifestação dentro do conjunto dos trabalhos literários.

Neste contexto podemos entender todos estes significados, conforme cita Pierre Grimal(2011), “O mito não reconhece fronteiras”, daí; podemos perceber Homero em sua epopeia:

“Todavia, foi sobretudo no momento da guerra de Tróia que seu poder explodiu. Um dia, a Discórdia lançou no meio dos Deuses uma maçã destinada à mais bela das deusas. Três delas reivindicaram o prêmio. Zeus ordenou a Hermes que conduzisse todas as três, Afrodite, Hera e Atena, ao Monte Ida, de Trôade, para que fossem julgadas pelo Páris, filho de Príamo. Diante dele, elas instituíram um debate e prometeram presentes. Hera promoveu ao juiz a realeza universal; Atena o tornaria invencível na guerra. Afrodite se contentou em lhe oferecer a mão de Helena, a mais bela de todas as mortais. Páris decidiu a favor de Afrodite, e esta foi a causa da guerra entre os gregos e os troianos. Durante os combates, a deusa interveio a favor dos troianos; salvou Páris no campo de batalha, protegeu Eneias, atacado por Diomedes, e, nesse encontro, chegou a sofrer um ferimento. (GRIMAL, 2011, p.49).

Todos estes poemas de Homero, trataram de relatar do que podemos chamar de forças entre o bem e o mal que surgem a partir das situações extremas em que o homem se depara. Ele une forças tanto físicas quanto forças que possam acomodar a emoção e a afetividade, isso só o mito é que podia dar esta condição, pois é na narrativa das origens do mundo e de tudo que existe nele, o mito coloca maneiras de explicar as situações a qual o homem encontra-se mergulhado. Mas que diante dessas situações, o homem sentia um certo estranhamento, o que se permitia questionar tal situação. Esta é uma forma que antecede o pensamento filosófico, que de acordo com VERNANT(2008), o pensamento filosófico se deu primeiro na Grécia, junto com a explicação sobre o início do mundo.

O mito foi perdendo sua importância, alguns filósofos trataram de explicar o arché, suas preocupações eram de colocar em evidência o novo modo de entender como foi o princípio e com isso tentar explicar de uma forma mais profunda a origem do mundo físico, partindo de uma visão que se pudesse ver o mundo e com isso se fez perceber os questionamentos naquilo que se referia ao mito dentro da sociedade grega. Aos poucos esta idéia de explicar o mundo num pensamento mítico foi sendo descartada, eles também questionaram as relações entre os homens e os deuses, onde no pensamento dos filósofos não era comum deuses terem formas iguais aos humanos, desta forma vai se percebendo que o mito deixa perder o encanto e todo

aquele prestígio. Este fato pode ser percebido a partir dos Sofistas, onde esses faziam compreender sob um bom discurso para agradar a quem estivesse presente a ouvir. O discurso dos sofistas propiciava uma verdadeira atenção por parte dos ouvintes, onde tal atenção se fez despertar uma afetividade. A partir da sofística e dos discursos lógicos, aquele encantamento do mito foi se perdendo e uma diferente maneira de discurso veio com a sofística, obedecendo assim uma forma lógica de pensamento. No entanto o mito passou a obedecer as normas da escrita após ter se iniciado a redação. Com a escrita, o mito não se mostrava apenas pela oralidade, mas também em escritos, algo observado naquela época como a perda de sua identidade. A narrativa mítica se torna discurso vulgar, ficando de certa forma presa as regras lingüísticas, e uma vez presa a regras de escrita, permaneceu em si mesmo devendo ser escrito de maneira autônoma, pois as regras exigem que se tenha um discurso que dê condições de prestar esclarecimento contundente sobre o assunto em questão.

A forma mítica da linguagem foi perdendo espaço ao ponto que as dissertações filosóficas foram tomando posse, uma vez que empregados pelos sofistas, e desta forma o pensamento grego seguiu caminho diferente, tratando da elaboração de textos dos quais tratavam das coisas diárias dos indivíduos e dos problemas vivenciados empiricamente durante a escrita de cada texto. Naquela época já se percebia que pelas práticas de vida, os escritos míticos passariam a ser lidos como algo que não poderia ser compreendido, pois estes se tratavam de fatos acontecidos muito anteriores, o qual se fez questionar sua veracidade no que se referia aos deuses e a criação do mundo, que deste modo aqueles escritos que se evidenciavam com tanta convicção dos acontecimentos desapareceram, ficando sem importância, apreciados simplesmente como lendas ou fábulas

Conceito de filosofia grega

Durante muito tempo a sociedade grega estava acostumada a presenciar atitudes, hábitos e costumes fundamentados em regras estabelecidas na formação de crença vista pela subjetividade onde as explicações sobre os acontecimentos das coisas eram repassadas sem que fosse preciso questionar a veracidade dos fatos,

toda via, o homem sentia uma inquietude e passou a fazer indagações a respeito de algumas questões e diante desses questionamentos, o homem se viu imerso em seus conflitos tanto interno como externo. A explicação do mundo e de outros fenômenos tomou caminhos diferentes. Daí em diante, iniciou-se o pensamento filosófico e junto com ele, a filosofia.

Conforme cita Chauí, surge uma forma nova e inusitada de pensar. A palavra filosofia foi criada por Pitágoras, um filósofo grego que viveu no ano 570 a 490 a. c.. Diante dessa atribuição, Pitágoras ao ser indagado sobre sua sabedoria, ele dizia apenas ser um amante do saber e na sua fala, fazia questão de dizer que era alguém que procurava a sabedoria e buscava a verdade sem que seja preciso referenciar-se a um objetivo determinado. Esta fala de Pitágoras é retratada na citação de CHAUÍ(2007):

Pitágoras de Samos teria dito ser a sabedoria plena privilégio dos deuses, cabendo aos homens apenas desejá-la, amá-la, ser seus amantes ou seus amigos, isto é, filosofia (sophós, sábio). (CHAUÍ, 2007, p.15).

Filosofia é uma palavra de origem grega e é composta por duas outras palavras. Philo e Sophia. A palavra Philo deriva-se de Philia que quer dizer amizade, amor fraterno e respeito entre os iguais, e da palavra Sophia, quer dizer sabedoria, onde dela vem a palavra Sophos que é o mesmo que sábio. Entendido assim como referente ao saber, amor e amizade pela sabedoria, unindo-se à um conjunto sistemático e racional de conhecimento referente ao mundo e aos homens.

Pitágoras ao criar a palavra, afirmava que a sabedoria plena e completa só pertence aos deuses, mas fica a critério do homem querer desejá-la e amá-la, desta forma, o homem que procura seguir a filosofia de acordo com o pensamento de Pitágoras se encontra na possibilidade de se tornar um filósofo. A filosofia propicia um estado de satisfação para aqueles que procuram a prática do bem, onde seus interesses não estão fundamentados em prol de uma vida particular, mas priorizando os interesses que estejam em busca da verdade, pois ela é algo que devemos está sempre a procura, onde só é encontrada quando se tem a coragem de buscá-la. Ela está diante de nós, só falta o desejo de vê-la.

Desta forma, percebe-se que a filosofia é uma maneira de pensar e exprimir o pensamento e que a função da filosofia não se restringe a estabelecer problemas, da mesma forma não acumula perguntas sobre a verdade ou da realidade das coisas, ela procura dar respostas valendo-se de algum argumento onde possa ser investigado de modo conveniente e claro de acordo com a razão. Isso é a filosofia, a qual carrega características propriamente gregas, que de modo racional, dá resposta aos acontecimentos naturais tanto do mundo quanto dos seres humanos, assim, os pensadores gregos compreenderam que o conhecimento vem do uso sistemático do pensamento para que a verdade se torne conhecida, não só para eles mas para qualquer pessoa que se permita conhecê-la. Segundo os antigos filósofos isto representa sabedoria, que é o que se compreende como disposição humana para uma vida feliz e virtuosa. Assim podemos dizer que a filosofia surgiu a partir do momento que os seres humanos não aceitavam mais as explicações que eram dadas no dia a dia e passaram a exigir justificativas de modo racional que pudesse tornar válida ou inválida, respostas que antes acreditavam ser verdadeiras.

Ao fazer a definição sobre a filosofia, muitas foram as respostas, mas Platão a definiu como o saber verdadeiro, onde deverá ser sempre usado em prol de beneficiar o ser humano.

Transição do mito para a filosofia

Para que se possa ter uma compreensão sobre a passagem do pensamento mítico para o pensamento filosófico, é necessário que se entenda como um processo de evolução do pensamento humano que ao fazer uma reflexão de forma gradual sobre os fenômenos da natureza, que antes só era explicado dentro da explicação mítica, os primeiros filósofos passaram a investigar a origem do kosmos (cosmos), onde nos primeiros suspiros da filosofia grega trataram dessa questão como sendo problemas de caráter cosmológicos, a compreensão mítica por compreensão lógica, onde a partir de então as explicações formadas por uma racionalidade passou a ganhar credibilidade naquilo que poderia ser identificado sobre o olhar filosófico, que diante de tantas dúvidas, houve a necessidade de procurar respostas de como se constituiu o kosmos.

Essas indagações levaram os filósofos a se ocuparem na busca por essas questões tratando de descobri-las e aqueles homens gregos, dotados de muita sabedoria, fizeram uso de suas qualidades, inteligências e observações. Por meio das percepções sensoriais passaram a averiguar os porquês das coisas para daí anunciar as causas diante das surpresas que lhes eram apresentadas perante alguns fenômenos, passando a caminhar nas investigações, o que proporcionou o conhecimento para explicar tais fenômenos de modo conveniente. Assim, o filósofo grego foi se desligando do lado considerado fantasioso e, nesse percurso, procurou desmistificar os fenômenos onde, em substituição dos mitos e das crenças religiosas, procurou-se compreender o mundo e todos os seres que nele habitava.

Tal situação é compreendida a partir da exposição de Hegel quando ele aponta o surgimento da filosofia dando evidência ao desaparecimento da sociedade patriarcal, que nela podia se perceber a herança orientalista, a qual possuía uma intimidade efêmera e entendida como algo que não apresenta consistência. Podendo se estabelecer outra forma de entendimento dando lugar a métodos e princípios próprios, que nesse percurso passou a ser considerado como a formação do pensamento filosófico.

Junto a essa nova mentalidade dar-se a passagem do mito para o logos (razão), que expressa uma ruptura de forma integral onde se pode perceber a substituição das antigas formas mitológicas para dar lugar à filosofia, que segundo Hegel, aquilo que era indeterminado, nomeado e pensado, o mesmo que comunga dessa mesma opinião é o filósofo Jon Burnet, que afirmam sobre o nascimento da filosofia, ele diz que se dá quando o mito passa a perder importância e credibilidade, pois é assim que ele observa em sua obra:

Os primeiros gregos que tentaram compreender a natureza não eram como o homem que entra num caminho que nunca havia percorrido. Já existia uma visão do mundo possivelmente consciente, ainda que apenas pressuposta e implícita no rito e no mito, e não distintamente concebida, como tal. Os primeiros pensadores fizeram algo muito maior do que um simples começo, o despojando-se da visão selvagem das coisas, renovaram a juventude delas e, como elas, a juventude do mundo, em um tempo em que o mundo parecia abatido pela sensibilidade. A maravilha foi que o tivessem feito de modo tão completo quanto o fizeram. (BURNET, 1952, p.34).

BURNET(1952) diz ainda que muitas foram as contribuições de Homero (Ilíada e Odisseia) e Hesíodo (Teogonia e Dos Dias) onde ambos já se anteciparam, desobrigando o pensamento grego das superstições mais primitivas e selvagens, facilitando assim o pensamento também em vários aspectos.

Diante dessa afirmação, Burnet dá a entender que se fez necessário apresentar uma mudança no pensamento, dando explicações técnicas e científicas, partindo de novas realidades produzidas pelo ocidente que de acordo com as condições históricas, essa descoberta traz consigo, junto à filosofia, a lógica e a razão.

Os primeiros filósofos começaram a filosofia pelo motivo de terem formulado questões e problemas condicionados à ciência e também à filosofia, que juntas ganharam conotação de maneira significativa.

Assim, Burnet afirma que apontar o surgimento da filosofia se evidencia nas condições materiais da Grécia que, sobre esse assunto, ele esclarece que a filosofia se deu quando os gregos passaram a descobrir locais que antes se diziam habitados pelos deuses e por outros seres, os quais se perceberam que nunca existiu nem deuses nem monstros ou outros seres que pudesse proibir as viagens marítimas. O que puderam constatar durante essas viagens foram o aparecimento de outros povos que para os gregos foi bastante satisfatório onde, partindo desse conhecimento em relação aos mares, o mito foi ficando para trás, e as viagens mantiveram uma aproximação desses povos junto aos gregos, o que gerou condições para a troca de experiências e o conhecimento foi se aperfeiçoando, com isso, todo aquele encantamento mítico não oferecia mais resposta, desfazendo-se as superstições, surgindo assim, uma nova forma de pensar para as explicações racionais que exigia critérios na elaboração de argumentos, onde puderam ser aplicadas pela invenção do calendário, que colaborou para calcular o tempo em concordância com as estações do ano junto a invenção da moeda, algo que produziu uma realidade entre os homens, revelando dessa forma, o pensamento racional. Assim é a filosofia – uma busca para o conhecimento sistemático organizado pelos sete sábios.

A importância da compreensão do mito grego para a filosofia

Partindo da explicação do mito é necessário estabelecer uma compreensão a cerca da identidade coletiva que se dá na medida da importância do mito em seu significado para cada povo, em específico aos gregos, os quais por muito tempo viveu e preservou os rituais dos mitos dando-lhe um caráter sagrado de uma aceitação muito forte, o que fez o mito se manter vivo dentro da cultura daquela sociedade, pois mesmo com a transformação concebida pelo povo grego, o mito não deixou de existir na mente daquele povo e essa identidade mítica continuou influenciando, apesar de sofrer interferência no modo de agir e pensar dos gregos.

O mito dentro daquela cultura sempre manteve raízes bem fortes na vida social, econômica e política, e que por muito tempo os mitos preservaram as suas origens, dando continuidade aos rituais míticos dos antepassados, interferindo naquela cultura e insinuando-se em toda parte tornando-se essencial ao pensamento, o qual ele não conhece fronteiras no que se fez atrair em torno de si uma considerável parte irracional do pensamento humano, o que fez preencher o vazio do homem quando ele buscava a plenitude econômica, política ou sagrada e na busca sempre utilizou o lado mítico. Assim, o mito existiu como um elo entre o homem e suas origens, tanto na cultura como na história de cada indivíduo diante dos acontecimentos. Partindo de determinadas condições, das quais podemos exemplificar: as navegações, o calendário e a moda, bem como o surgimento da polis, o qual trouxe para os gregos uma nova forma de organização social e política que se desenvolveu entre o século VIII e VI a.c., utilizando-se para essa forma o logos ou mesmo o que podemos chamar de (razão), onde essa se mostra junto aos filósofos que utilizaram para resolver os problemas no âmbito dos destinos das cidades na qual se encontrava vinculado ao surgimento da polis.

De acordo com as mudanças do modo de pensar nos gregos, o mito muitas vezes sofreu questionamentos a partir de suas respostas, as quais podem ser consideradas antagônicas, referente ao discurso racional implementado pelos filósofos gregos, substituindo o discurso mítico pelo racional, segundo uma forma criteriosa que pudesse propor argumentos sistemáticos e racionais, como afirma o historiador BURNET(1994):

Justamente, os gregos foram os primeiros a encarar o geocentrismo como hipótese geocêntrica e por isso nos permitiram ultrapassá-la. Os pioneiros do pensamento grego não tinham, evidentemente, uma ideia clara do que era uma hipótese científica[...], mas a eles devemos a concepção de uma ciência exata que iria tornar o mundo todo um objeto de investigação. (BURNET, 1952, p.32)

Talvez Burnet tenha sido influenciado pelas ideias científicas conforme análise descrita por CHAUI(2007): “sobre a afirmação de Burnet, encontramos uma ideia muito difundida, desde o século XVIII; a ideia de evolução e de um progresso identificado como o aumento cumulativo e contínuo dos conhecimentos técnicos e científicos”.

As ideias de Burnet foram descartadas por outro historiador que nega a ruptura considerada como direto e total, como também a religião e os mitos adotados por Burnet, a respeito do nascimento da filosofia, o pensamento de CONFORD(1975) faz questão de mostrar essa ideia contrária, assim como também, contesta que os primeiros filósofos eram vistos como pré-científicos, Chauí adentra a esta questão fazendo referência na seguinte citação:

A pergunta feita pelas cosmogonias é sempre a mesma: como do caos surgiu o mundo ordenado (cosmos)? As cosmogonias respondem a essa pergunta fazendo uma genealogia dos seres, isto é, por meio da personificação dos elementos (água, ar, terra, fogo) e de relações sexuais entre eles explicam a origem de todas as coisas do mundo. Que fazem os primeiros filósofos? Não fazem cosmogonias e sim cosmologia. Que significa essa mudança? Significa que os primeiros filósofos despersonalizam os elementos, não os tratam como deuses individualizados, mas como potências ou forças impessoais, naturais, ativas, animadas, imperecíveis, embora ainda divinas, que se combinam, se separam, se dividem, segundo princípios que lhes são próprios, dando origem às coisas e ao mundo ordenado. (CHAUI, 2003, p. 33).

Ainda abordando a análise de Chauí, a mesma percebe que era natural do mito afirmar esse processo cosmogônico, onde o que vale é a ideia, pois de qualquer forma, esse processo é mantido pela cosmologia. Assim CONFORD(1975) explica que o mito não saiu das estruturas de pensamento dos primeiros filósofos. Por muito tempo os filósofos fizeram uso compartilhado daquelas crenças míticas, criando a verificação de provas para responder questões da filosofia nascente, em quanto desenvolveram um modo de pensar racionalmente que pudesse ser caracterizado pela filosofia.

Sobre o mito e sua importância, a história se mostra como base da civilização do ocidente, percebe-se que os mitos se reuniam em ritos que renovavam o que se entende como mistérios. Dessa forma o mito grego é como o alicerce do pensamento ocidental e que guarda para si aquilo que podemos entender como a chave para o entendimento sobre o mundo. O mito sempre esteve presente em todos os aspectos da sociedade grega, isso fez com que os próprios filósofos dessem as mesmas respostas que eram dadas pelos mitos, caracterizando assim a grande importância que o mito tinha para aquela sociedade.

Conclusão

As mudanças e as transformações que se deram nos momentos críticos da vida humana, bem como na vida social das pessoas que constituíram a civilização grega, foi entendida como objeto particular de interesses mitológicos. Os rituais como: nascimento, casamento, morte, guerra, lutas entre forças do bem e do mal e quaisquer acontecimentos importantes, tanto para aquelas pessoas como para a sociedade, eram interpretados como realidade mítica.

As transformações provenientes da civilização grega antiga acabaram por colaborar com um novo modo de conhecimento, promovendo para os indivíduos daquela época uma forma de entendimento onde o pensamento de maneira racional pôde avançar e fazer investigações partindo do conhecimento empírico. Tal condição acabou por favorecer mudanças em favor daquela sociedade, apresentando respostas contundentes que permitiram o desvendamento de muitos mistérios, algo bem interiorizado na civilização em questão. Assim, o pensamento pôde ser renovado, colaborando com as causas que deram sustentação à vida social do povo grego. Contudo, esses acontecimentos não poderiam se materializar sem que antes não tivesse existido o conhecimento surgido a partir das informações míticas, onde os relatos originários dos antigos guardavam relações com as referências míticas, que influenciaram tanto de forma direta, como ainda indiretamente no comportamento, no modo de pensar e de agir daquela sociedade, o que acabou por resultar na transformação gradual dos mitos para se dar o pensamento filosófico.

Dessa forma, pode-se perceber que as referências míticas foram mais além do que se pode imaginar, onde a questão da ruptura do mito com o pensamento filosófico foi descartada, uma vez que os gregos acreditavam que seus mitos podiam ser explicados racionalmente.

Partindo dessas considerações, pode-se justificar a importância do mito para a filosofia em todos os aspectos dentro da sociedade grega, que continuou por muito tempo cumprindo uma função social, política e religiosa, algo fundamental naquela civilização.

O mito, mesmo que de maneira racional adquirido pelos primeiros filósofos, contribuiu de forma significativa para dar respostas e afugentar os medos e os anseios deixando o povo grego confortável diante das mudanças e das transformações que se deram em momentos críticos da sociedade e da vida do indivíduo gregos. Levados pela tradição, o mito representou os sentimentos imaginários e determinou condições necessárias para uma relação complementar que se deu entre mito e filosofia.

Referências

ALAMILLO, Assela. A Mitologia na Vida Cotidiana. Assela Alamillo; tradução Eduardo Francisco Alves. São Paulo, SP. Angra LTDA. 2002

BURNET, J. Early Greek Philosophy. Londres, 1920. Tradução francesa, citada: L'Aurore de la philosophie grecque. Paris, Payot, 1952. Tradução brasileira: O despertar da filosofia grega. São Paulo, Siciliano, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1 / Marilena Chauí – 2. Ed., ver e ampl – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Filosofia. Volume Único. São Paulo, SP. Ática. 2003

CONFORD, F. M. Principium sapientiae. As origens do pensamento filosófico grego. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

CONTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna. Fundamentos de filosofia. 1ª Ed. São Paulo, SP. Saraiva. 2010

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, col. "Debates", nº52, 1994.

GRIMAL, Pierre. Mitologia grega. Pierre Grimal; tradução Rejane Janowitz. Porto Alegre, RS. L&PM, 2011.

SELEPRIN, Maiquel José. O mito na sociedade atual. Disponível em:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/visit.php?cid=39&lid=4175. Acesso em 08 de dezembro de 2014.

TORRANO, Jaa. Teogonia: A origem dos deuses. São Paulo, SP. Iluminuras LTDA. 1995.

VERNANT, Jean-Pierre. O universo, os deuses, os homens. Jean-Pierre Vernant: tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.